



## Pecado que brada aos céus

### **Ana Loya** **Administradora da Ray Human** **Capital**

Entre os pecados que “bradam aos céus”, vem num livro da Bíblia (Deuteronómio 24, 14-15) que “Não oprimirás o trabalhador pobre e necessitado, seja ele de teus irmãos, ou seja dos estrangeiros... No mesmo dia lhe pagarás o seu salário, e isso antes que o sol se ponha”. Não obstante este código milenar de conduta, o ser humano tem-se comportado, tendencialmente e em todas as épocas, de modo exactamente oposto. Idealmente deveria ser assim. Mas não é! Na primeira década do século XXI continuam a verificar-se desigualdades impressionantes, mesmo nas sociedades ditas civilizadas, como é o caso da nossa. Em 1856, rebentou uma luta por direitos que deveriam ser óbvios. Uma longa caminhada tem sido feita e grandes conquistas relacionadas com os direitos humanos são hoje dados adquiridos, não obstante, ainda há alguns anos, serem impensáveis. A História diz-nos que a forma de luta adequada em determinada época já não é adequada nem eficaz

noutra época e noutra circunstância. Em 1974 eu tinha 15 anos e, por isso, desde aí me habituei à existência de greves. Não como as greves de antes nem como as que observamos em Inglaterra nos tempos da Dama de ferro. Eram dias de greves sem significado. Actos esporádicos e gastos que levaram ao enfraquecimento em Portugal desta forma tão forte de mostrar um ponto de vista. Nesta demanda das pessoas pela conquista dos seus direitos ainda há muito para fazer. O discurso de 1917 está obsoleto! Quem está no poder não são os Czares. Este é o erro crasso da nossa classe sindical que tem de ser mais objectiva e cirúrgica nas lutas. Penso nos milhares que trabalham nas EDP deste mundo e que, quando fazem contas e pensam na informação que dispõem sobre bónus e salários a gestores, se devem sentir como no séc. XIX... Pelo menos eu sinto. Independentemente do acordado e atingido, existem circunstâncias específicas, enquadramentos económicos e um país em crise. Provavelmente é legal. Mas para mim brada aos céus. E por isso continua a ser necessário lembrar o 1.º de Maio.